

A LITERATURA E O ENSINO HOJE

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos¹

RESUMO: O artigo propõe-se discutir a Literatura nos espaços que lhe são reservados hoje, na tentativa de explicitar algumas das atribuições da formação do professor de literatura na cultura contemporânea. Entendida como uma atividade profissional, a Literatura ainda é, historicamente, reconhecida como um dos códigos de “representação” da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, ensino, cultura.

ABSTRACT: This article aims to discuss Literature within the spaces that are reserved for it today, in an attempt to make explicit some of the attributions of the literature professor’s formation in contemporary culture. Known as a professional activity, Literature is still, historically, recognized as one of the codes of cultural “representation”.

KEY-WORDS: Literature, teaching, culture.

¹ Doutor em Literatura Comparada. Professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. paulonolasco@uol.com.br

Este *VII Seminário de Linguagens*, assim intitulado, já orienta uma perspectiva para a discussão sobre o tema que nos reúne nesta mesa-redonda, mais ainda porque se subintitula *Linguagens: desafios contemporâneos*. Temos aí uma pressuposição que a Literatura se situa entre outras linguagens e que se propõe, hoje em dia, como um desafio para a formação do profissional de Letras. Começo este texto, então, propondo discutir a Literatura nos espaços que lhe são reservados hoje, na tentativa de explicitar algumas das atribuições do Professor de Literatura na cultura contemporânea.

De início, constato que vou recuperar certo lirismo próprio de nosso objeto, a Literatura, mas também certo sentido trágico a envolver a situação da Literatura na cultura e o seu lugar nos currículos contemporâneos. Objetivamente, aceitando a provocação, a questão assim se anuncia: se a Literatura ainda é entendida como uma atividade profissional, manifestação cultural que demanda uma preparação para o exercício desta profissão – Professor de Literatura –, historicamente caracterizada pela “arte de ensinar”, portanto um ofício didático; se em suas diversas manifestações de gênero, ela é reconhecida como um dos códigos de “representação” da cultura; e, principalmente, constatando hoje a pertinência da pergunta sobre *o que é literatura* e do questionamento *se tem ela importância*, a minha reflexão sobre a Formação do Professor de Literatura repõe questões e/ou perspectivas tão candentes como se a leitura literária significasse não apenas abertura ao mundo, aos livros, mas à biblioteca infinita que constitui o patrimônio cultural como um todo.

Antes do trágico, o lírico. Minha própria trajetória de leitor de literatura deu-se com a primeira leitura do título *Perto do coração selvagem*. Outros textos que li ou anotei de ouvido completam a lista das obras às quais sempre retorno quando desejo compreender o mundo dos sonhos e desejos, palavra-valise de um livro de bolso de que lanço mão quotidianamente, na tentativa de atribuir alguma significação à estranha iniciação de cada dia. Ao lado do de Clarice, outros títulos me provocam, numa espécie de chamamento para aquela região de que fala a escritora, “[...] região líquida,

quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada” (LISPECTOR, 1980, p. 208), da qual quero evocar sua magia: *O morro dos ventos uivantes; Retorno a houward’s end; À sombra do vulcão; Cem anos de solidão; Todas as manhãs do mundo; Um deus passeando pela brisa da tarde; Passeio ao farol; O deserto dos tártaros; Em busca do tempo perdido; As mil e uma noites.*

A lista continua. Entretanto volto ao título *Perto do coração selvagem*, do romance de estreia de Clarice Lispector, com o objetivo de relatar uma história de leitor que mistura momentos gloriosos com outros demasiadamente humanos, num tempo de jovem estudante, época que dormita pelas gavetas dos armários e escrivaninhas que perfilaram minha própria história de leitor de literatura. História bem parecida com a que Clarice narra no episódio sobre a leitura em “Felicidade clandestina”, com a agravante de que a minha história é mais propriamente surreal e quase pitoresca. Nesta história, uma vaca comeu o volume sagrado de *Perto do coração selvagem*, que eu lia, emprestado, em arrebatamento, sentado debaixo de um cinamomo numa tarde de domingo que passava no campo.

A partir disso, refleti que gostaria de falar sobre a enormidade da pauta que envolve a Literatura enquanto domínio do saber, *mathesis*, que, segundo o crítico francês Roland Barthes (1978), deveria permanecer, ainda que todas as nossas disciplinas fossem expulsas do ensino, uma vez que todas as ciências estão presentes no monumento literário. Pensei então na ancestralidade da Literatura, mas também na atualidade da literatura, nos seus primeiros textos desde a *Odisséia* até a *Iliada*, em *Safo de Lesbo*; refleti, por exemplo, sobre quando os primeiros homens começaram a vestir com uma forma cuidadosa o impulso de cantar seus feitos, louvar seus deuses ou celebrar seu cotidiano e seus sonhos, se eles estavam inaugurando uma forma de arte que iria durar mais do que as pedras e que essas maravilhas que os gregos criaram com palavras, coisa tão volátil e impalpável, estão totalmente vivas, em todo o seu esplendor. Verifiquei então que a literatura carrega um saber imemorial, voltado para as práticas culturais, misturando-se com a própria Cultura de que ela é reposi-

tório. Isso se confirma ainda mais quando lembramos que os conteúdos narrados na *Odisséia* e na *Ilíada* já preexistiam na forma de oralidade muito antes de seu enfeixe em volumes, supostamente escritos por Homero. Isso me serve agora ao propósito de concordar com os estudos literários de nosso tempo que apregoam a “relatividade” da autoria e a natureza inter-relacional de todos os textos formadores de um corpo único da Literatura como a entendemos hoje. Daí a vigência dos estudos de viés comparatista e as teorias da intertextualidade que, nesse último século, enfatizaram os estudos sobre a natureza e o funcionamento dos textos literários. Assim, como a Literatura encontra-se confundida com o ensino escolar, com a universidade, é preciso que recoloquemos a função de ambas no mundo de hoje. Neste aspecto, valho-me da lição do helenista e professor Eudoro de Souza (1980), tradutor da *Poética* e autor de *Mitologia*. Em um mundo onde as palavras parecem valer mais que os fatos, aí onde se aguça a crise do nosso tempo, não vemos qualquer possibilidade de comutação da pena de trabalhos forçados a que nos condenaram por toda a vida, e passamos a aspirar, ansiosos, a que o “sistema” se aperfeiçoe, ou então, a que mude o sistema. Mas, em qualquer dos casos, a divisa será “trabalho para todos”, e aí a hilariante situação das Escolas Superiores querendo marcar compasso com o andamento do mercado de trabalho. Mas, onde fica a escola cujo sentido etimológico é o de “lazer”? E o “superior” com que se pretende, e não mais não se pode pretender, assinalar a “maior altura”? Evidentemente que esta só poderá ser a “[...] maior altura na escala dos conhecimentos tecnológicos”, a “[...] maior altura na gradação de líderes do trabalho coletivo”, em suma, a “[...] maior altura de um sacerdócio da utilidade imediata”. Que pode fazer a Escola Superior por quem não se sente atraído senão pelo “[...] saber por amor do saber”? A alegria de entrever ou julgar entrever o princípio de todas as coisas é uma bofetada no rosto dos utilitaristas, dos imediatistas, dos oportunistas, dos “lutadores pela vida”. E esses não nos oferecerão a outra face. Não descansarão sem que nos vejam aferrolhados numa masmorra da nova inquisição dos fins que cada um persegue na vida (SOUZA, 1980, p. 83 *et seq.*). Caindo num

sistema de utilitarismo e resultados imediatos, a Literatura e seu ensino resultaram num “relativismo” de seu valor e de sua função como mediador de conhecimentos mais elevados, fruto do labor e do pensamento intelectualizado, a um ponto tal que a própria função do intelectual, antes necessária e vital para alertar a sociedade e a cultura de seus equívocos, resultou desnecessária e fora de moda. É sintomático que hoje exista muita dúvida sobre a importância e a função mesma do intelectual como alguém que se deva ouvir, alguém que tem o que dizer ou como alguém que tem um público ouvinte.

A compreensão do estágio cultural do nosso tempo, as reflexões sobre identidade, sobre particular e universal, foram bem salientadas por Octavio Paz e Julia Kristeva. Se, segundo Paz (1984, p. 151), não há mais centro nem periferia, uma vez que todos nos transformamos em seres periféricos, para Kristeva (1994), estar à margem, na ausência de um centro, representa o sentimento de estrangeiro como *topos*, como lugar da própria reflexão sobre a identidade cultural:

Uma comunidade paradoxal está prestes a surgir, feita de estrangeiros que se aceitam na medida em que eles se reconhecem estranhos a si próprios. A sociedade multinacional será assim o resultado de um individualismo extremo, mas consciente de seu mal-estar e de seus limites, conhecendo apenas irreduzíveis auxiliares na sua fraqueza que tem como outro nome a nossa estranheza radical (KRISTEVA, 1994, p. 205).

Com efeito, trata-se de um mal-estar. Mal saímos de um fim de século, fim de milênio com grandes crises no mundo. Diz-se mesmo que há um efeito quiliástico em todo fim de século e de milênio. Lembro que Silviano Santiago, em conferência, enfocou essa questão, dizendo que em todos os aspectos vivemos numa época sem valores absolutos, de valores relativos, apenas com uma esperança de mundo melhor. Vivemos numa época, num momento em que as certezas foram totalmente abaladas, os fundamentos e os valores filosóficos estão abalados; as forças intelectuais sobre a mesa são forças enfraquecidas. No entanto é preciso

que se diga que enfraquecimento não é aniquilamento. Enfim, estamos no limiar de um tempo que é fronteira de um século e também de um milênio, novos por assim dizer. Ao longo do século, a Literatura foi desempenhando um papel no qual a crise do sujeito, portanto a crise da representação foi discutida como nunca, praticada numa dimensão a que chamamos de “moderno”. O pensamento contemporâneo, articulando-se com a audácia, chegou às proximidades daquilo que “[...] nunca foi escrito, nunca foi pensado” como teria dito Benjamim (RELLA, F., 1993, *apud* VECCHI, 2001). Nenhum século destruiu tanto e tão inexoravelmente a experiência e a sua possibilidade de ser dita ou escrita como o século XX o fez, radicando aí, no tocante à mimese, sua impossibilidade de ser dita ou escrita – de ser representada. Estou dialogando com o excelente texto do professor Roberto Vecchi, onde o crítico retoma a raiz etimológica de “Historia” – *histor* que significa “testemunha”, quem presenciou um evento e que, portanto, seria a autoridade competente para relatar. Mas, na Modernidade, essa distância entre espectador e espetáculo trágico inexiste – essa é a condição moderna. Vecchi ilustra com exemplos extraídos de *A cidade e as serras* e de *Dom casmurro*: no romance de Eça, que o essencial residiria na condição da testemunha, o narrador Zé Fernandes deve repetir de modo contrário a experiência de Jacinto, para apreender o seu sentido e torná-lo comunicável; no de Machado de Assis, o elemento perturbante para o narrador/testemunha, Bentinho, não é a traição, mas a evidência da impossibilidade de conhecer, de testemunhar o passado. O que é a testemunha, ou no que ela se tornou? Há a possibilidade do evento sem testemunha, pois não se pode testemunhar do interior da morte, nem do exterior dela, porque a parcialidade da experiência não permite a íntegra do testemunho (VECCHI, 2001 *apud* PESAVENTO, 2001, p. 73-80, *passim*).

Li recentemente alguns livros de Memórias: a biografia intitulada *Rainha Vitória*, de Lytton Strachey, a biografia *Ravelstein*, de Saul Bellow, a biografia da escritora George Eliot e a biografia romanceada *A vida de Shelley*, de André Maurois. A partir da leitura de *Ravelstein*, que é a biografia do filósofo político Allan Bloom, vou me deter um pouco na

obra desse autor do famoso livro *O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade* (1989). Este livro de Bloom é de todo interessante para discutirmos tópicos variados do nosso tempo. Ao discutir o binômio natureza *versus* cultura, Bloom observa que, à medida que nos tornarmos seres da cultura, inventamos instrumentos para nos libertarmos dela, e que esta abertura foi a virtude que nos permitiu a procura do bem por meio da razão, mas que hoje em dia significa aceitar tudo e negar o poder da razão. A irrestrita e irrefletida reação da abertura, sem se reconhecerem os problemas políticos, sociais e culturais que lhe são inerentes enquanto objetivo da natureza, retirou-lhe qualquer sentido. Que o relativismo cultural destrói ao mesmo tempo aquilo que somos e o bem. Diz ele que a verdadeira abertura acompanha o desejo de saber, ou seja, tem a consciência da ignorância. Negar a possibilidade de conhecer o bem e o mal corresponde a suprimir a verdadeira abertura. Na verdade o historicismo e o relativismo culturais são meios para evitar que se ponham à prova os nossos próprios preconceitos e que se indague, por exemplo, se os homens são efetivamente iguais ou se tal opinião não passa de um preconceito democrático. Para ser aberto ao conhecimento, há certas coisas que nós aprendemos, mas que muita gente não quer ter a pachorra de aprender, pois a própria vida da razão muitas vezes não tem atrativos, e o conhecimento inútil, o conhecimento que não se afigura útil para uma carreira, não tem lugar na visão que o aluno faz do currículo. Nesta situação encontraremos a Literatura, entre outros saberes humanísticos. A Universidade que continua intransigente a ministrar cursos de humanidades tem de parecer fechada e rígida. Bloom (1989) relata o debate que teve certa vez com um professor que queria eliminar todos os preconceitos nos seus alunos, derrubava os preconceitos como garrafas de boliche. E Bloom indagou com o que ele substituía as ideias dos alunos. Mas o professor não parecia ter grande noção do que seria o contrário do preconceito. Sua luta para incutir nos alunos crenças sem preconceitos parecia relutar mais em torná-los passivos, apáticos, indiferentes e sujeitos a autoridades como ele próprio, ou ao melhor do pensamento contemporâneo. E observa, afinal:

a mente que não tem preconceitos, a princípio está vazia, só pode ter sido formada de um modo que não tem consciência da dificuldade de reconhecer que um preconceito é um preconceito (BLOOM, 1989, p. 46 *et seq.*). As questões apontadas no livro de Bloom acerca da incomensurável banalidade de nosso tempo, o besteiro e o caráter violento da cena pós-moderna foram recentemente descritas pelo sociólogo francês Michel Maffesoli (2004), em livro cujo título *A parte do diabo* já é metonímia e metáfora angustiante do estágio cultural a que assistimos hoje. Passando pela era do rock, pelo espírito demoníaco da música e o apelo sexual, Maffesoli descreve sem meias palavras o estado de escravização à “bêlise” das tribos que compõem o solo de cultura desses tempos, avessas a paradigmas, normas de comportamento e valoração da cultura. Ao que o Papa João Paulo II, representando a agonia da Igreja em tempos de intolerância, teria dito: “No mundo, há um mal agressivo, que Satanás guia e inspira. Vivemos dias tenebrosos e somos assaltados pelo mal”.

Na remarcada “aldeia global” de nosso tempo reina, invencível, a estultice. Ao rebaixamento da população, a arte sempre ofereceu como resposta a ideia de que a “futilidade é um estado violento”. No campo das Artes, segundo Nunes (1985), salienta-se a pouca atenção que a universidade brasileira tem dado à Estética, o que constitui prova inconteste do nosso primitivismo cultural que se evidencia até na nossa organização universitária. O estudo das Artes, restrito, sem uma base estética interdisciplinar, faz pensar na construção de prédios sem alicerces. O desinteresse pelas reflexões estéticas, no nosso meio cultural, talvez explique o aparecimento de certas vanguardas, que chamam de inovação, ao que não passa de crua mistura de pretensão e ignorância. Nesse sentido, Flaubert foi um dos escritores que mais apaixonadamente fizeram a defesa da especificidade da arte. Insistiu em que ela tem de ser amada por suas qualidades próprias e não consagrada por motivos que lhe são alheios. A arte não é religião nem política. Não deve ser confundida com moralidade nem com utilidade pública. A arte repele as chantagens sentimentais. Não promove assistência social, não liberta povos, não oferece

pão às criancinhas esfaimadas que tanto comovem os poetas que frequentam as confortáveis choperias de Ipanema. Na sua indestrutível unidade, na sua intangível plenitude, a Arte não se transmuda ou dissolve no absolutismo de divisões de estilo ou de épocas; não se congela em gêneros modelares ou nos moldes impostos pela moda. Antes, a Arte sofre as garras do tempo, mas a supera e transcende. Podemos senti-la tanto num filme japonês como num maracatu pernambucano. Num trecho da Bíblia como num poema surrealista. Se o sentimentalismo pessoal dos artistas já era repellido por Flaubert, que se diria dos dias hoje: “Não sou de modo nenhum insensível ao sofrimento das classes pobres, mas não aceito a literatura baseada em boas intenções” (FLAUBERT, s.d, *apud* NUNES, 1985, p. 17). Sabia também o esteta que o artista é um ser social e, por conseguinte, histórico. Que, por mais inovador que seja, parte de uma tradição. Sem ligação nenhuma com a comunidade e o passado desta, a arte torna-se solipsista, esquizofrênica. Quem ama a Arte, realmente, ama também o passado dela, cheio de realizações gloriosas. A ausência da estética e do juízo crítico tem como fim a entronização do elemento vulgar, do elemento numeroso das maiorias, a aprovação, a consagração. Corremos o risco todos de afundar numa mediocridade geral. O igualitarismo passou do social ao espiritual. Fazem-se livros para todo mundo, ciência para todo mundo, de igual modo que as estradas de ferro e os logradouros públicos, o que não quer dizer que a quantidade gera uma equivalência no crescimento e no aperfeiçoamento moral e espiritual dos homens e mulheres. Nota-se uma atração multitudinária pelo que é inferior como característica de nosso tempo. Todos e qualquer um, igualmente desinformados, acham-se no direito e dever de dar palpites e julgar o que não entendem ou não é da sua competência. O ressentimento, o rancor dos açougueiros contra as finuras da Arte, que não têm capacidade de entender, são hoje propugnados por pseudointelectuais que dogmatizam nas colunas dos jornais e até nas cátedras das universidades. O sonho desses “idealistas” é a degradação do que o Homem, através das lutas dos milênios, conseguiu elevar, superando a selvageria, a rusticidade, o desajeita-

mento. Há um intelectualismo populista que não advoga o melhoramento intelectual das massas, mas simplesmente a ditadura delas. Prega uma confraternização universal, mas na lama (NUNES, 1985, p. 11-23, *passim*.)

Mas, resumindo: o aspecto do mal-estar na civilização tem sido retomado constantemente. Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio* (1990), adverte que, num momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a reflexão filosófica é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos, numa visão pluralística e multifacetada do mundo: o conhecimento como rede de concatenações.

Sobre isso é preciso ainda uma pergunta e duas palavras: como realizar a combinação, hoje, entre tecnologias da imagem e tecnologias da escrita, pensando na permanência do Livro, da Literatura, como repositório de conhecimento?

Sob o ponto de vista e o lugar em que me situo na cultura, o de um pesquisador e docente da área de ciências humanas, mais especificamente das Letras, devo dizer que me coloco com um olhar que parte de um determinado campo de experiência e do conhecimento que não elimina outros prismas, embora privilegie determinados argumentos. Segundo Carvalhal (2005), se considerarmos a ideia de que hoje dispomos de duas livrarias ou bibliotecas, sendo uma virtual e outra material, dispostas nas estantes das livrarias, devemos lembrar que os livros e esses espaços não deixam de existir com as inovações tecnológicas, antes com elas convivem e de certa forma se complementam. Por isso não interessa a pergunta se o livro vai acabar, mas sim indagar sobre as modificações introduzidas na relação do leitor com o livro pelas novas tecnologias, sobre a mudança de seu estatuto e modos de atuação. Uma das características essenciais de nosso tempo, que estaria na construção do pensamento científico, diz respeito à inter-relação dos saberes, noção que está na base do pensamento e das práticas interdisciplinares. Por outro lado, outra característica de nosso tempo associa-se a anterior, ou seja, à universalização do saber, que se refere à disseminação e à apropriação do saber. A disponibilização dos livros em rede de Internet,

como o projeto realizado pela *Bibliothèque de France*, do qual Roger Chartier é um de seus mentores, objetiva a disponibilidade universal do patrimônio escrito que se torna, assim, universal, num certo sentido invalidando e tornando obsoleta a própria existência da Biblioteca Nacional. No entanto todas as alterações, por mais fantásticas que sejam, têm seus riscos, pois como afirmou o próprio Chartier, citado por Carvalhal (2005, p. 3): “A transferência do patrimônio escrito para a tela inaugura imensas possibilidades, mas será também uma violência contra os textos, separados de forma que contribuíram para construir as suas significações históricas”. Assim a lição de nosso tempo parece ser substancialmente esta: que a “universalização do saber”, facilitada pela tecnologia, não provoque a “separação entre os saberes”, mas, antes,

[...] estimule a interação entre linguagens, o interdiscursivo, o interdisciplinar. Essas exigências ou desafios encaminham para a necessidade de formulações de projetos pedagógicos que sustentem a aplicação das novas tecnologias. Que o fascínio exercido sobre nós por esses recursos, que aparentemente introduzem facilidades em nossas rotinas, não nos impeça de ver seus riscos nem de atentar para seus limites. Que o adestramento necessário para que pilotemos esse novo instrumental não nos disperse do essencial cultivo da arte de voar, nem que as experiências com o mundo ‘virtual’ não nos distanciem do mundo real (CARVALHAL, 2005, p. 5, grifos do autor).

Enfim, têm sido inumeráveis os fatores de interferências e abalos na vida cultural de nosso tempo. Retomo a conferência pronunciada por Silviano Santiago (1992): se considerarmos que o homem não vive impunemente um final de século ou fim de milênio, bem assim o início de outro, talvez seja oportuno mencionar que o milênio que acaba de encerrar-se significou um ponto de mutação nas utopias do Ocidente: com a mística do final do mundo, que deveria ter ocorrido em 2000, o homem assistiu perplexo e desesperançado que as profecias feitas por ele já deveriam ter se cumprido, e se elas não se cumpriram, o tempo já

passou. E o fracasso das profecias concorreria com o fracasso da razão crítica. Hoje, não desprezamos o fato de que autores que escrevem livros sobre mística e religião são consumidos vorazmente, e que os livros de autoajuda são editados aos milhões.

No meio de tudo isso, vivemos uma sinergia da desorientação, onde a bússola parece ter perdido seu prumo, e a cena contemporânea mostra-se multifacetada em tribos, com grande dificuldade de um diálogo franco e aberto entre essas tribos. Num quadro assim, de uma época desprovida de valores fortes, em momentos históricos ásperos, exasperados, a Literatura ensaia seu retorno e anuncia uma época de seu elevado prestígio, pois mantém sua vividez naquele verso de André Gide, citado por Santiago (s.n.t) que diz “[...] é preciso seguir a sua inclinação, mas subindo”. Com este desejo, extraído do verso de Gide, permaneço desejando que o vendaval de vulgaridade que se mostra no cenário contemporâneo, aviltando o homem e desmoralizando-o pela ausência da Ética e da Estética, permita o crivo de uma crítica dos costumes e da cultura capaz de reerguê-lo numa consciência que separa o joio do trigo e que separe o Homem do animal. Que a síntese entre Natureza e Cultura possa se realizar, resgatando-se cada vez mais a consciência de que somos seres da Cultura, porém não somente da cultura televisiva e mediática, mas da Cultura construída ao longo dos séculos pelas Belas Letras e pela civilização Ocidental, pois, sem um lugar ou um ponto de partida onde situar-se no mundo, o Homem entrega-se ao vendaval das propagandas e dos clichês construídos pelas propagandas e pelo *marketing* que tudo transforma em lucro, em consumo e em promessas de paraíso na terra. Decerto que desejamos o paraíso na terra, porém este paraíso próximo, aqui e agora, só é possível quando se considera o futuro ainda incerto da alma e do espírito do homem que assim se distingue e se distancia do animal; enfim, é preciso publicar e educar o Homem para a sua vivência dos mitos, o mito que o Homem a tão duras penas construiu e legou para a humanidade como um todo. Todas as nossas ações devem passar por uma redescoberta de alguns pequenos, frágeis, mas indispensáveis valores éticos, baseados na amizade,

na tolerância, na honestidade, na seriedade e esperança de estarmos construindo algo, ainda que essa construção seja, seguindo o reconhecido verso borgeano: “[...] nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia, mas nosso dever é edificar como se fora pedra a areia”. Essa confiança em pequenos valores éticos nos dará o equilíbrio e a sensatez necessários para respeitarmos o outro e, sobretudo, para medirmos o “quilate” de nossas ações que, em todos os sentidos, devem observar o verso gideano: “[...] é preciso seguir a sua inclinação, mas subindo”. E se o consenso for ainda assim difícil, lembremos de Saramago, quando diz “Nós não somos obrigados a nos amar, porém somos obrigados a nos respeitar”.

Assim, à guisa de conclusão, todos os vaticínios acerca da morte e da validade da Literatura em nosso tempo, enfim, todas as propostas de diminuição ou de eliminação do ensino da Literatura são, de fato – como explica Leyla Perrone-Moisés (2008) –, provocações para se responder à pergunta: “Para que serve a literatura?” ou “Por que estudar Literatura?” Ao que a crítica, numa passagem longa que merece ser reproduzida, ao sintetizar o que foi dito por numerosos teóricos modernos, assim responde:

[...] porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura, nas sociedades letradas, não há cultura; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar que é uma necessidade humana e pode gerar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. Não me parece que o fato de muitas obras atuais

não corresponderem mais a essas funções e qualidades da literatura deva levar-nos à conclusão de que não vale mais a pena ensiná-la. (PERRONE-MOISÉS, 2008, p. 18).

Apraz-me ainda, imensamente, encontrar na crítica contemporânea o reconhecimento e a recomendação sobre a importância e o valor de se lerem os clássicos em sala de aula, como de fato leio na autora de *Crítica cult* (2002), a professora Emérita Eneida Maria de Souza, que, num dos mais recentes títulos da área, sintomaticamente intitulado *Tempo de pós-crítica* (2007), observa o seguinte:

Todo curso deveria ter uma *formação básica*. A bibliografia de um curso de Teoria da Literatura, por exemplo, deve contemplar textos desde Aristóteles até nossos dias. Num curso de Literatura Brasileira, o estudante deveria primeiro conhecer as *obras clássicas* para só depois pensar em desconstruir o cânone. A *formação básica é essencial*. Em virtude de estarmos vivendo um momento em que as informações chegam de forma fragmentada e simultânea, devido principalmente aos novos meios de comunicação, devemos incentivar a aquisição dessa *formação básica* (SOUZA, 2007, p. 5, grifos meus).

Para melhor finalizar, em todos esses debates acerca da função do professor de literatura, hoje, é a responsabilidade dos professores de literatura que está em jogo, ao que Perrone-Moisés (1998), seguindo a posição de Frank Kermode, assim pode nos ajudar a concluir esta argumentação:

Os professores universitários podem ler o que quiserem, desconstruir ou neo-historicizar o que quiserem, mas dentro de uma sala de aula deveriam assumir honrosamente sua função de fazer com que as pessoas conheçam os livros suficientemente para saber o que, neles, é digno de amor. Se falharem nisso, quer porque desprezem a humildade da tarefa, quer porque eles mesmos não amam a literatura, eles são fracassos e fraudes (TUDEAU-CLAYTON, 1991, *apud* PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 208).

É preciso ir além, ultrapassar, transcender; é preciso alimentar a alma de que somos dotados; é preciso muito saber

para destruir, não se pode destruir sem ter o que colocar no lugar, como nos lembram os versos de uma música heróica de Cecília Meireles, no poema “Gargalhada”, que leio:

“Homem vulgar, Homem de coração mesquinho!
[...]
Não vês?
É preciso jogar por escadas de mármore baixelas de ouro.
Rebentar colares, partir espelhos, quebrar cristais,
vergar a lâmina das espadas e despedaçar estátuas,
destruir as lâmpadas, abater cúpulas,
e atirar para longe os pandeiros e as liras...

O riso magnífico é um trecho dessa música desvairada.

Mas é preciso ter baixelas de ouro,
compreendes?
– e colares, e espelhos, e espadas e estátuas.
E as lâmpadas, Deus do céu!
E os pandeiros ágeis e as liras sonoras e trêmulas...

.....

Só de três lugares nasceu até hoje esta música heróica:
do céu que venta,
do mar que dança,
e de mim.”

Referências

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BLOOM, Allan. **O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade**. São Paulo: Best Seller, 1989.
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Futuro da docência na universidade: tecnologias da imagem ou tecnologias da escrita?** Porto Alegre. 2005. 10 f. Mimeografado.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro. 1999. In: CARVALHAL, Tania Franco. **Futuro da docência na universidade: tecnologias da imagem ou tecnologias da escrita?** Porto Alegre: 2005. 10 f. Mimeografado.

FLAUBERT, Gustav. Cartas sobre a educação estética do homem. s.d. In: NUNES, Cassiano. **Estética e poética**. Brasília: Thesaurus, 1985.

GIDE, A. Os moedeiros falsos. s.d. In: SANTIAGO, Silviano. Nem futurologia, nem utopia, o que então? Conferência realizada no **Congresso Internacional América: Descoberta ou Invenção**. Rio de Janeiro. UERJ, 1992. Mimeografado.

TUDEAU-CLAYTON, Margaret (Ed.). Addressing Frank Kermode: Essays in Criticism and Interpretation. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. Encontro Regional da ABRALIC. (11) Sandra Nitrini et al. (Org.). Literaturas, artes, saberes. 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Aderaldo & Rothschild; ABRALIC, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiro para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MEIRELES, Cecília. “Gargalhada”, In: Viagem. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar S.A. 1983.

NUNES, Cassiano. **Estética e poética**. Brasília: Thesaurus, 1985.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In: Encontro Regional da ABRALIC. (11) Sandra Nitrini et al. (Org.). **Literaturas, artes, saberes**. 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Aderaldo & Rothschild; ABRALIC, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTIAGO, Silviano. Nem futurologia, nem utopia, o que então? Conferência realizada no **Congresso Internacional América: Descoberta ou Invenção**. Rio de Janeiro. UERJ, 1992. Mimeografado.

SOUZA, Eudoro de. **Mitologia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

SOUZA, Eneida Maria de. **Tempo de pós-crítica**: ensaios. São Paulo: Linear B.; Belo Horizonte: Veredas & Cenário, 2007. (Coleção Obras em Debates). Separata.

VECCHI, Roberto. Barbárie e representação: o silêncio da testemunha. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001. p. 71-94.